



# Caçador de partituras

Oscar D'Ambrosio ●



Com um avô violonista amador e pai aficionado por ópera, Paulo Castagna tinha tudo para desenvolver sua carreira em música desde o momento em que escolhesse um curso universitário. Mas não foi isso que aconteceu. Antes de se tornar o investigador em música que é hoje, o atual professor do Instituto de Artes da Unesp e líder do grupo de pesquisa Musicologia Histórica Brasileira, do CNPq, pensou num primeiro momento que deveria ser biólogo.

Licenciado e bacharel em Ciências Biológicas pela USP em 1982, chegou até a atuar na área, mas logo percebeu que para realizar seu desejo de ser pesquisador, dependia de muitas variáveis, como apoio de uma instituição e um laboratório de última geração. Já com música, bastava pegar o violão, estudar muito e sair tocando.

Desse modo, a atividade com partituras e melodias foi crescendo até afastá-lo completamente da Biologia, mas não da investigação. Castagna se apresentou como violonista, cantou e regeu corais e também tocou piano, mas seu grande interesse, que sempre foi a pesquisa

científica, continuava acompanhando-o. Quando entrou na USP no curso de Educação Artística com Habilitação em Música, em 1984, já queria ser musicólogo. Solicitou e conseguiu uma bolsa do

O musicólogo Paulo Castagna investiga, entre peças perdidas e dispersas, a produção musical brasileira anterior ao século 20, quando ainda não havia gravações

CNPq para estudar a produção musical brasileira anterior ao século 20, momento em que surgiram as gravações. Antes disso, a imprensa musical no Brasil era incipiente, e a música circulava quase somente em partituras manuscritas.

A questão é que há poucos estudos feitos até agora em relação a essa quantidade de

material. Para agravar a situação, muitos arquivos e fontes musicais, dispersas pelo país, vêm sendo destruídos por deterioração física, desinteresse ou extravio. Há ainda colecionadores que juntam material valioso em casa, mas deixam o acesso restrito. Em caso de morte, o acervo acaba disperso pela família, perdido ou queimado.

Um dos principais projetos de Castagna para evitar essa destruição de partituras ocorreu entre 2001 e 2003. Com patrocínio da Petrobras, publicou nove volumes de partituras e nove CDs com as gravações desse material. Intitulada "Acervo da Música Brasileira – Restauração e Difusão de Partituras", a iniciativa resgatou obras até então inéditas guardadas no Museu da Música de Mariana (MG) do período colonial até o começo do século 20.

Um dos fascínios desse trabalho é se deparar com obras incompletas. É comum encontrar, por exemplo, apenas as partes da partitura do primeiro e do segundo violino, da viola ou do violoncelo. Porque cada músico, como ocorre até hoje, recebia seu pedaço, cabendo ao mestre recolher tudo e guardar para a próxima execução.

À medida que esse repertório foi sendo aposentado, uma parcela foi conservada, mas a maior parte se dispersou. Isso obriga o pesquisador a lidar às vezes com partes localizadas em cidades ou mesmo em Estados distintos. Como elas eram copiadas por pessoas diferentes, é preciso raciocinar bastante para saber quais versões são mais próximas dos originais.

Além disso, há acervos particulares fechados a consultas e que não permitem fotografias ou fotocópias, pois o manuseio frequente de papéis do século 18 pode gerar danos irreversíveis. Para reconstituir as partes que faltam, o musicólogo precisa ter conhecimento do compositor e do período estudado. Assim ele recupera a funcionalidade da obra, e o ouvinte não percebe que foi feita uma intervenção.

Entre os musicistas que já pesquisou, Castagna elogia Lobo de Mesquita como um dos destaques das Minas Gerais do século 18. Considera-o, pela excelência, um patrimônio histórico-musical brasileiro muito importante. Se não tem os mesmos materiais e a mesma perícia técnica que os europeus, apresenta uma

criatividade inigualável, porque fez muito com poucos recursos.

Isso ocorria num Brasil onde havia poucos músicos e com reduzido preparo. Eram geralmente negros e mulatos sem uma formação erudita que executavam as obras com instrumentos feitos no país. Embora nenhum tenha sido preservado, há documentos que descrevem reproduções brasileiras de violinos e órgãos europeus. Castagna destaca Domingos Ferreira, um português que foi morar em Ouro Preto e produziu dezenas de violas para consumo local no século 18.

Atualmente, Castagna está envolvido na formação de pesquisadores, na organização de eventos científicos em musicologia e, em especial, no projeto Patrimônio Arquivístico Musical Mineiro, da Secretaria de Cultura do Estado. Já foram publicados três volumes de partituras e, em 2011, sairão mais três, reunindo obras – a maioria inédita – de compositores mineiros dos séculos 18 e 19 localizadas em diversos acervos, inclusive fora de Minas Gerais. Prossegue assim sua jornada de detetive pelos acervos musicais do Brasil.